



O MOVIMENTO CULTURAL “MASCARENHAS MEU AMOR” E AS REPRESENTAÇÕES DAS MINORIAS NO JORNALISMO DE JUIZ DE FORA-MG¹

NASCIMENTO, Samuel Fontainha, Graduando, Universidade Federal de Juiz de Fora²

MUSSE, Christina Ferraz, Doutora, Universidade Federal de Juiz de Fora³

Resumo: As manifestações do “Diretas Já” no início dos anos 80 espalhadas por todo país, em prol do voto direto e da liberdade de expressão, marcam um importante momento da história do Brasil pela luta, representatividade e a união de grande parcela da sociedade. A cidade de Juiz de Fora, zona da mata de Minas Gerais, de onde se iniciou o golpe militar, também foi cenário de tais protestos pelo fim da ditadura. Porém nem todas as classes sociais, ou movimentos, estavam representados nos protestos, pois o país ainda sofria com a repressão policial e a censura. O presente trabalho tem como objetivo apresentar como era o cenário de abertura política em Juiz de Fora, para tal, destacamos o movimento cultural “Mascarenhas Meu Amor” o qual obteve repercussão nacional reunindo toda classe artística do município e de cidades diversas, por fim, o artigo busca analisar que espaço tinham as reivindicações de outros movimentos, como a pauta do movimento negro. Apoiando nossas reflexões trazemos uma análise da cobertura jornalística da época, também entrevistas com fontes que atuavam na mídia local e ou participaram destas manifestações.

Palavras-chave: História - Jornalismo - Cultura - Movimento Negro - “Mascarenhas meu Amor”

1. INTRODUÇÃO

A década de 1980, marcada no Brasil pelo fim do período ditatorial, em 1985, também carrega consigo momentos memoráveis, como as manifestações em prol da liberdade de expressão, da cultura e pelas eleições “diretas já”, em meados de 1983 a 1984, protestos estes que levaram milhares de pessoas às ruas.

¹ Trabalho apresentado ao GT Historiografia da Mídia do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Graduando do sexto período no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, membro do grupo de pesquisa Comunicação Cidade e Memória - Comcime. Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Ruínas do passado: a imprensa, a memória e os depoimentos da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora”. sa.fontainha@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora titular do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória - Comcime. Orientadora do projeto de pesquisa “Ruínas do passado: a imprensa, a memória e os depoimentos da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora”. cferrazmusse@gmail.com



A cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais, também foi palco de grandes atos políticos e culturais, que tiveram bastante repercussão, e que, da mesma forma, reivindicavam a liberdade de expressão, valorização da cultura e, de modo direto ou indireto, o fim da ditadura no país.

As manifestações culturais, sociais, políticas, sindicais e estudantis serviram como instrumento de pressão e injetaram novos agentes no caldeirão que transformou Juiz de Fora, Minas e o Brasil, nos anos 80, em um autêntico laboratório de efervescência, na reconquista da democracia e da liberdade. Todas as forças sociais estão presentes neste mosaico e sintetizam o embate de amplos setores na defesa de idéias e ideais. (SANGLARD, 20 )

O ponto de vista do jornalista Jorge Sanglard reforça que tais manifestações, nos anos 1980, tiveram fundamental importância para a redemocratização do Brasil, mas, ao contrário da ideia de que todas as forças sociais estariam presentes no movimento, veremos que, nem sempre, esses atos eram abertos à participação de todas as classes sociais, etnias ou de todos os gêneros. A repressão ainda se mantinha forte, e havia questões, por exemplo, como a falta de espaço para as reivindicações dos movimentos negro⁴, LGBTQIA+⁵, ou as demandas da periferia, que apenas começam a ganhar força nesse período.

O presente trabalho tem como objetivo abordar como era este cenário de abertura política, no município de Juiz de Fora, de onde, em 1964, tinham saído as tropas do general Olímpio Mourão Filho, iniciando o golpe militar. Para tal, buscamos investigar sobre o movimento “Mascarenhas Meu Amor”, o qual ganhou repercussão nacional e reuniu artistas de diferentes cidades, como também analisar o espaço que era dado nessas manifestações para as reivindicações de outras causas da agenda pública, como as demandas do movimento negro. Para apoiar nossas reflexões, fazemos uma análise documental da cobertura jornalística da época e entrevistas com fontes que atuavam na mídia local ou foram participantes dos movimentos sociais.

2. A COMPANHIA TÊXTIL BERNARDO MASCARENHAS

⁴ Movimento organizado por pessoas que lutam pelo fim do racismo estrutural, preconceito e desigualdade.

⁵ LGBTQIA+, sigla fluida, ou seja, a qual se altera ao longo do tempo para atender as identidades de gênero e sexualidade que estão sempre em construção.



A companhia têxtil Bernardo Mascarenhas foi fundada em 7 de Janeiro de 1888 pelo empresário Bernardo Mascarenhas, que veio de Curvelo, na Região Central de Minas Gerais, para Juiz de Fora, em 1822. O empresário também fundou a primeira usina hidrelétrica da América Latina (Usina Hidrelétrica de Marmelos), no Rio Paraibuna. Ambas as construções impulsionaram o crescimento industrial, gerando emprego e movimentando a economia do município. Alguns registros apontam que o empresário, do mesmo modo, foi um dos fundadores da primeira indústria têxtil do país movida por força hidráulica, propriedade da Companhia Fiação e Tecido Cedro, no ano de 1868.

Havia apenas alcançado a maioria quando idealizou, construiu e colocou em funcionamento a Tecidos Cedro, em Taboleiro Grande, atual Paraopeba, junto ao rio das Velhas. Parecia uma temeridade tal empreendimento em lugar tão isolado, que só se alcançava em semanas de viagem a cavalo ou em carro de boi. Mas, contra a opinião geral, o empreendimento tornou-se um sucesso. Pioneiro e empreendedor durante toda a vida, montou as hidrelétricas que iluminaram Juiz de Fora e Belo Horizonte. (Pioneiros e empreendedores, 2019) 

Muito além, a companhia têxtil Bernardo Mascarenhas chamou a atenção de jornais e revistas do país inteiro por usar máquinas de tear inglesas e americanas, ser a primeira a usar energia elétrica na América do Sul, música ambiente no local de trabalho e pelas características arquitetônicas do prédio. Segundo informações, o edifício da fábrica Bernardo Mascarenhas teria sido projetado pelo engenheiro e arquiteto L. Sue, apresentando uma rigorosa simetria, destoante ao estilo das construções do final do século XIX⁶. Seu partido arquitetônico consiste em um corpo central em três pavimentos, coroado por frontões retos nas quatro faces e ladeado por extensas alas horizontais em dois pavimentos. Pouco depois da inauguração oficial, em meados de maio de 1888, foi necessária a ampliação das instalações, juntamente com a remodelação parcial do edifício. Na época, novamente alguns dos principais jornais e revistas do Brasil destacaram o empreendimento, especialmente pelas características arquitetônicas do prédio.

⁶ Registros dos arquivos de memória no portal da Prefeitura de Juiz de Fora.

5° ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS UFPA UFPA UFPA FAPEG

Não precisa ser de Juiz de Fora para conhecer a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas (CTBM). Sempre fazendo história, foi pioneira na utilização de luz elétrica na América do Sul e do motor elétrico para fins industriais no país. Inaugurada em 7 de janeiro de 1888, a companhia têxtil impulsionou a província e deu a Juiz de Fora o título de Manchester Mineira. Apresentava não só tecnologia, com máquinas de tear inglesas e americanas e música ambiente, mas também era guiada por um pensamento empreendedor à frente de seu tempo. (jfhipermidia, 2014).

A fábrica foi equipada com 60 teares ingleses, que inicialmente eram operados a querosene. Paralelo à instalação da companhia, no entanto, Mascarenhas manteve o projeto de construir em Juiz de Fora uma usina hidrelétrica para manter seus empreendimentos e auxiliar na iluminação pública. Ele fundou no mesmo ano a Companhia Mineira de Eletricidade, que, no ano seguinte, foi responsável pela inauguração da Usina Hidrelétrica de Marmelos. A manutenção e modernização da usina permitiram que a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas fosse a primeira no Brasil a utilizar um motor elétrico Westinghouse, instalado no edifício, em 1898. Bernardo Mascarenhas faleceu em outubro de 1899, e sua esposa (a qual se tornou a proprietária após sua morte) Amélia Guimarães Mascarenhas, faleceu em 1916, em seguida seu genro Agenor Barbosa assumiu o controle da empresa. E embora a fábrica tenha se tornado pioneira em vários aspectos, com o passar do tempo, começou a se afundar em dívidas, e no dia 14 de janeiro de 1984 encerrou suas atividades.

Este passo também possibilitou à cidade a troca dos lampiões de gás pela iluminação elétrica pública do município, antes mesmo da velha Europa, o Jornal do Comércio publicava em 28 de junho de 1887: “No dia 22 de agosto do mesmo ano [1888], quando, às 21 horas, acendiam-se pela primeira vez em uma cidade da América do Sul as luzes de vias públicas geradas através de queda d’água. (FONTANA, 201 

A fábrica funcionou durante muitos anos, no Centro de Juiz de Fora, mas, na década de 1970, estava atolada em dívidas. Nessa época, começou uma grande disputa entre o Estado



de Minas Gerais, o Governo Federal e a Prefeitura Municipal, pelo prédio e o terreno, como uma forma de saldar os débitos com os órgãos públicos, mesmo que o processo tenha ficado lento durante o período, uma vez que o então diretor da companhia têxtil, Winston Jones Paiva, em uma última tentativa de reverter a situação, tenha contado com a ajuda do Sindicato dos operários para tentar renegociar as dívidas, pois, o Sindicato apoiava a volta do funcionamento da fábrica, visando à que os funcionários não fossem demitidos. Houve uma tentativa frustrada de vender partes da propriedade para quitar os salários atrasados dos funcionários e retomar o trabalho gradualmente, assim, conseguir pagar o restante das dívidas da fábrica. A fábrica acabou repartida por ato judicial de 1977 entre entidades públicas. Seu patrimônio, que compreendia um terreno de 10.450 metros quadrados, foi utilizado para o tal pagamento de dívidas com o Estado de Minas Gerais e com a União.

Segundo a carta de adjudicação do imóvel (documento que concede posse e propriedade de bens a alguém), expedida pelo Cartório do 2º Ofício do Crime e Execuções Fiscais, datada de 1º de agosto de 1977, os adquirentes foram: o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) - hoje INSS - com 49,02% da área; a Fazenda Pública Estadual, com 32,5%; a Fazenda Pública Nacional, com 18,48%; e a Caixa Econômica Federal, que adquiriu toda a área do prédio anexa da antiga fábrica.

Mesmo apoiada em pioneirismos, a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas sucumbiu às dificuldades financeiras e foi repartida por ato judicial de 1977 entre entidades públicas. Seu patrimônio, que compreendia um terreno de 10.450 metros quadrados, foi utilizado para pagamento de dívidas com o estado de Minas Gerais e com a União. (FONTANA, 2019)

Ao se discutir o que a Prefeitura e o Governo fariam com o espaço, em uma reunião entre o então prefeito Tarcísio Delgado e o governador de Minas Gerais, a classe artística de Juiz de Fora entra na briga, reivindicando o uso do lugar para uma galeria de arte, ficando a encargo do prefeito decidir se transformaria o espaço em um mercado municipal, ou espaço cultural. Assim, deu-se início aos atos Pró-Bernardo Mascarenhas, o qual futuramente seria o movimento “Mascarenhas meu Amor”.



Em Juiz de Fora, o lançamento de um livro tornava possível o encontro de diversos artistas e uma reunião colocava o então prefeito, Tarcísio Delgado, e o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, frente à frente para discutir o futuro do espaço que abrigou um dos marcos da industrialização mineira, a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas. Este cenário único permitiu a deflagração de uma das mais importantes manifestações culturais de Juiz de Fora, a “Mascarenhas, meu amor”, que não só impediu a completa deterioração da fábrica, como resultou na transformação do local em um espaço cultural e deu fôlego às discussões sobre a preservação do patrimônio na cidade.

(FONTANA, 2019) 

3.0 MOVIMENTO “MASCARENHAS MEU AMOR”

O movimento “Mascarenhas meu Amor” foi uma manifestação cultural, realizada em Juiz de Fora, no começo dos anos 1980, iniciado por Walter Sebastião, Guilherme Bernardes, Jorge Sanglard através da campanha Pró-Bernardo Mascarenhas, que organizou atos culturais e reuniões da categoria artística com o poder público, tentando negociar o uso do espaço da companhia textil. Tais encontros aconteceram durante alguns meses; a ideia era usar o espaço da antiga fábrica para a apropriação cultural, após a interrupção das obras do teatro municipal Paschoal Carlos Magno, que só seriam inauguradas mais de 30 anos depois.

As obras do “Paschoal” foram interrompidas. Um técnico do SNT (Serviço Nacional do Teatro) veio a Juiz de Fora avaliar o projeto da PJJ e deu um parecer contrário. Na opinião do órgão oficial, o correto seria investir na recuperação de prédios degradados ao invés de construir novos. Concomitantemente, tomamos conhecimento que o prédio da antiga Tecelagem Mascarenhas estava em risco de demolição. Fizemos uma ação não autorizada, invadimos o prédio, e registramos o estado precário do mesmo. Conseguimos que as fotos fossem publicadas e isso gerou grande comoção. (BERNARDES, 2020) 

A campanha Pró-Bernardo Mascarenhas e o ato cultural “Mascarenhas meu Amor” não obtiveram muito espaço nos veículos de comunicação impressos da época, somente registros de notícias na “Tribuna de Minas” (o jornal impresso de maior circulação em Juiz de Fora e



região) e também no extinto “Jornal do Brasil”, do Rio de Janeiro, mas com circulação nacional, e, por fim, uma única nota no tradicional jornal local “Diário Mercantil”, que seria fechado pelos Diários Associados, no mesmo ano. A maior parte dos textos noticiosos buscava saber os desdobramentos da briga que se instaurou entre os órgãos do poder público e os manifestantes para conseguir o espaço de uma das tecelagens pioneiras no Brasil. Mesmo sem grande quantidade, a qualidade das reportagens realizadas pelos jornais trouxeram uma expressiva visibilidade e repercussão para o caso. As poucas matérias jornalísticas encontradas sempre se apresentavam em destaque nas páginas impressas, buscando o máximo de relevância possível para o debate. O Sindicato dos Jornalistas e muitos jornalistas apoiavam a causa.

Enquanto o movimento era “raíz”, os comparsas da imprensa não só ajudavam como eram agentes infiltrados. Havia grande cumplicidade. Jorge Sanglard, Walter Sebastião, Henrique Leal, Toninho Carvalho, Humberto Nicoline. Todo mundo era articulado com as ações do movimento, o Sindicato dos Jornalistas deve ter, senão participado efetivamente, apoiado. (BERNARDES, 2020)

Figura 1



(Jornal “Tribuna de Minas”, 29 Jul 1983. Matéria às vésperas do “Mascarenhas meu Amor”)

Também no Rio de Janeiro, o jornalista Jorge Arbach, foi o responsável pela publicação, e também ilustração, da grande reportagem na edição de domingo do “Jornal do



Brasil”, que foi escrita por Jorge Sanglard. Por meio desta reportagem, artistas de outras cidades tomaram conhecimento da história e se mobilizaram para participar da passeata que viria a acontecer em 30 de julho de 1983.

Como eu tinha esse elo entre a cidade e o Jânio, e, na verdade, Juiz de Fora, como uma cidade de interior, eu entendi o que isso significa para um jornal de circulação nacional, porque, antes, eram pequenas notas, informes, coisas que não tinham espaço significativo, assim, no momento, em que você traz, abre esse espaço para um jornal nacional, se torna muito mais consolidado esse objetivo. Eu me sinto muito gratificado, contemplado, olhando assim para trás a história, acho que isso foi muito significativo. (ARBACH, 2020)

A partir da mobilização de agentes culturais do movimento, como, por exemplo, o artista plástico Ramon Brandão, e a participação dos muitos jornalistas, conseguiu-se uma boa cobertura na televisão, e, assim, novamente, o ato cultural gerou reconhecimento em todo país, ao ser noticiado até no “Jornal Hoje”, da Rede Globo de Televisão, um dos telejornais mais assistidos do Brasil⁷.

4.A OCUPAÇÃO DA FÁBRICA COM CAFÉ E BROA

O ato contou com várias frentes, os manifestantes organizam grandes reuniões periódicas, mas cada artista ou grupo tentava também dar relevância ao assunto em seus eventos e entrevistas, havia também shows de rua. Porém, segundo Guilherme Bernardes, não existia uma organização concreta, quando entrou em pauta a formalização do movimento, com criação de um estatuto, o grupo se dispersou. Em todo momento de atuação, não foi registrado nenhum tipo de repressão policial pelas fontes entrevistadas, ao contrário, ainda no fim da ditadura civil-militar, ocorre, no Centro da cidade, uma ascensão de manifestações culturais e ou políticas (muitas delas incentivadas pelo “Mascarenhas meu Amor”), que ocorreram sem repressão e com total liberdade.

Os anos 80 foram de grande liberdade em tudo. No caso do CCBM [Centro Cultural Bernardo Mascarenhas], quando uma cidade como a Juiz de Fora daquela época tinha uma fábrica grande como a Mascarenhas, todo mundo da cidade, de alguma

⁷ A pandemia do novo Coronavírus impossibilitou um maior aprofundamento da pesquisa em arquivos (jornal impresso, TV e ou fontes), assim, acabamos por não conseguir nenhum arquivo de telejornalismo para análise.

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPPEG

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

forma, tinha um envolvimento com a fábrica de tecelagem, já havia trabalhado lá, tinha um pai ou um tio que trabalhara lá, ou algum parente ou amigo que trabalhava na fábrica, então, todos, que moravam em Juiz de Fora na época, que eram da cidade, tinha algum tipo de laço afetivo com o prédio. (ARBACH, 2020).

Após meses de articulações e reuniões, agentes culturais, artistas de diversas cidades e militantes se encontram em frente ao Cine-Theatro Central, na Praça João Pessoa, Centro, onde começa a caminhada, no Calçadão da Rua Halfeld, o coração da cidade, iniciando o ato público, que teve o slogan “Mascarenhas meu Amor”. Com uma estimativa de 800 pessoas, o grupo de artistas, intelectuais e jornalistas percorre as ruas do Centro da cidade, indo em direção à Av. Getúlio Vargas, na direção da fábrica de tecelagem. Por fim, ocorre a ocupação do prédio interditado, realizando-se ali o primeiro evento, ainda com o espaço em ruínas: o lançamento de um livro.

Realizar toda a passeata, chamando atenção de todos no Centro da cidade, depois, fazer a ocupação da Bernardo Mascarenhas com direito à broa, biscoito e café com leite como coquetel, pois era de manhã e não tínhamos muito dinheiro, junto de vários artistas de renome, era como uma ação de pertencimento! A nossa história estava ali em risco de desaparecer, e todos tínhamos noção disso, e lutamos. A sensação de realização era incrível! (BRANDÃO, 2021).

Figura 2



(Fotografia do grande dia da manifestação, 30 de Julho/1983. Fonte: Exposição "Memória Mascarenhas", 2020)

5° ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização:

Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio:

UFMS

FAPEG

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

Figura 3



(Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, em Juiz de Fora, MG, 2014. Fonte: Acervo Flickr)

5.0 MOVIMENTO NEGRO EM JUIZ DE FORA

O município, durante os primeiros anos da década de 1980, se destacou por suas ações políticas, seja a favor ou contra o período ditatorial, porém, a agenda pública se manteve conservadora, quando o assunto eram outras reivindicações das minorias. Bem como em outras regiões do Brasil, o foco da luta, no início dos anos 1980, era a retomada da democracia, assim, os questionamentos feitos, por exemplo, pelo movimento negro, continuavam invisibilizados. Em Juiz de Fora, a mobilização do povo preto começou a ganhar força, justamente nesta década, através de ações da sua comunidade, as quais se voltavam à cultura, entre outros fatores, por dois grandes motivos. Primeiro, foi através da cultura que a militância do município começou a perceber sua importância, reivindicar seus direitos e mostrar o seu valor, e também a entender que a discriminação era naturalizada até os anos 1980.

As ações, nos anos 80, que podíamos realizar eram ligadas à religião, Umbanda, Candomblé, benzedeiras... e também à música, tudo parte daí. Antes, não tínhamos consciência da



nossa negritude, que estávamos em uma sociedade racista, com muita desigualdade, pois era tudo naturalizado. (BISPO, 2020).

Outra questão, e de maior evidência, é o preconceito que os pretos sofreram da sociedade. Algumas poucas frentes contavam com a participação de pessoas negras, desde que o assunto em pauta fosse o voto direto, a única coisa permitida na época. Também havia grande repressão policial sobre suas reivindicações, os protestos da periferia não tinham voz e espaço na mídia.

As questões raciais nunca eram abordadas. Naquele momento, não era essa a agenda. A pauta passava, necessariamente, pela volta do voto direto. Ante um cenário de inquietação, o povo foi às ruas pedir eleições diretas, o que era permitido, até então, para prefeitos e cargos legislativos. Certamente havia personagens negros, mas sempre nos atos pelas diretas. (MAGELLA, 2020).

A polícia sempre perseguia qualquer ato, cultural ou político, anti racista. A filósofa e líder comunitária, Adenilde Petrina Bispo, em seu relato para nós, afirma a influência da mídia, durante a ditadura, para reforçar estereótipos ligados a pessoas pretas (propagandas de televisão, matérias em jornais...) como marginais, malandros, bandidos etc., reforçando o imaginário errôneo sobre a comunidade preta e, conseqüentemente, corroborando com a perseguição policial contra manifestações do movimento negro, assim, tais atitudes se apoiavam na Lei de Segurança Nacional para desviar o posicionamento de repressão e manter a imagem de que essas ações eram necessárias para manter a segurança pública.

Na ditadura militar havia muitas propagandas na televisão de como o negro era malandro, lembro também de uma fotografia, na primeira página do “Jornal do Brasil”, de vários jovens negros presos e amarrados pelo pescoço, mesmo muitos anos depois da abolição, os traziam como escravos. (BISPO, 2020).

Em seu depoimento, Adenilde Bispo revela o grande medo que sua mãe tinha de pessoas ligadas à militância por outro estereótipo errôneo. As poucas pessoas pretas que de alguma forma participavam ou estavam envolvidas com a liderança de protestos de quaisquer



natureza, também são retratadas pelos meios de comunicação como pessoas violentas e perigosas, assim o intuito é convencer outras pessoas negras a não participar de tais atos, evitando maiores alianças.

Os negros militantes sempre apareciam na televisão, por exemplo, de uma maneira que fizesse a gente ter medo deles, era uma maneira de trabalhar com nosso psicológico para não participarmos de nada, não se juntar com essas pessoas que estavam na linha de frente, pois eram subversivos, perigosos. (BISPO, 2020).

Ainda assim, a população se ancora nas religiões de matriz africana, lembra Bispo, pois permanece como forma de resistir. Nos terreiros, pessoas negras encontram abrigo, apoio, ajuda para resolver seus problemas pessoais, resolver questões psicológicas, se curar das feridas carregadas em suas histórias de vida. Com o passar do tempo, as comunidades, ao se juntarem para reivindicar melhorias, descobrem também o teatro, o qual passa a ser o meio de comunicação entre a população periférica preta com outras pessoas.

Fazíamos esquetes levando informação, convites para outros eventos, todas essas ações culturais se tornam uma forma de resistência, quando não se tem liberdade para protestar e reivindicar seus direitos e melhorias. Participavam da roda da Tumba, no bairro Bom pastor, para cantar samba e pagode, bem como diversos Bailes Blacks nas periferias dos Bairros Retiro, Santo Antônio, São Benedito, Santa Cândida, onde a população negra era majoritária; era o único meio de unir a juventude negra e de certa maneira discutir sobre negritude. (BISPO, 2020).

O diretor geral da “Tribuna de Minas”, Paulo César Magella, em seu depoimento, nos conta como o ambiente jornalístico sempre foi cercado por preconceito, o qual nem sempre se manifesta nos ataques, mas, sim, nos olhares, na falta de espaço e representatividade, nas relações cotidianas. O número de jornalistas pretos em campo é muito reduzido até os dias atuais, pode-se supor, então, que nessa época a situação seja pior.



Muitos fóruns me aceitam por conta do cargo, mas o racismo se manifesta nos olhares, na surpresa, e nas ações dissimuladas. No restaurante, é sempre o último a ser servido. A adoção das cotas ampliou a margem, mas ainda longe do que deveria ser. Nas redações, o número de negros é ínfimo, bastando ver o meu exemplo. Sou o único negro a exercer um cargo de direção em redação. O jornal “Panorama”, hoje extinto, chegou a ter um negro também como editor geral, mas por pouco tempo. São raros os repórteres negros nas tvs e nos jornais. Nas rádios, ainda há essa possibilidade, mas, como disse acima, muito precária. A própria mão-de-obra egressa das Universidades é uma das causas. O número de negros formados não corresponde, quando se faz uma estratificação da população brasileira. (MAGELLA  20).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retratar a história do município de Juiz de Fora, é inegável a grande relevância do movimento “Mascarenhas meu Amor” como contribuinte para a identidade cultural da cidade, e, ao mesmo tempo, como registro midiático  de um evento factual, que, com o passar dos anos, ganhou a dimensão histórica, pois o mesmo impulsionou outras diversas manifestações em toda região. Na esteira da redemocratização do país e dos movimentos pelas “Diretas Já”, a efervescência cultural voltou às ruas, depois de anos de censura e perseguição política. Um ato de enorme importância ajudou então na preservação do cenário cultural de Juiz de Fora. Hoje, o local abriga a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, o Mercado Municipal e o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) com seis galerias de arte para todos os tipos de exposições artísticas, ateliês e sala de teatro abrigando até 160 pessoas. O espaço passa por sua segunda revitalização, após 30 anos do “Mascarenhas meu Amor”; o projeto de restauro do prédio foi aprovado em um concurso público, no ano de 2020, porém, com a pandemia, o local está fechado, não havendo previsão de retorno, nem do início das obras.

Também devemos destacar, naquele movimento cultural, dois pontos que são reveladores do espírito da época. O “Mascarenhas meu Amor”, deflagrado nos últimos anos da ditadura militar, só se tornou concreto, porque foi contagiado pelo imaginário e o sonho da redemocratização, que começaram a tomar conta do país, naquele início da década de 1980.



Ao mesmo tempo, como segundo ponto a remarcar, está o fato de que, apesar de empunhar uma nova bandeira, defendendo o patrimônio e a cultura, o movimento apenas dava voz à classe média urbana, excluindo outras, que não foram representadas, nem nas manifestações, e muito menos, na cobertura jornalística: este é o caso, por exemplo, das pessoas pretas, das LGBTQ+ etc.

Outra curiosidade: quase todas as fontes, ao se deparar com a pergunta sobre a repressão policial e a censura nos anos 1980, responderam que aquela foi uma década de extrema liberdade (certamente, em comparação aos sombrios anos 1970). Mas, a mesma questão, ao ser colocada para outras fontes (do movimento negro), obteve respostas bem diferentes: a repressão continuava a perseguir as pessoas pretas e moradoras das periferias. De outro ponto de vista, a questão pode ser observada, quando percebemos através dos depoimentos, que o jornalismo, com sua influência na agenda pública, consegue, mesmo com poucos materiais, destacar a importância do “Mascarenhas meu Amor”, mas, por outro lado, percebemos que os levantamentos e reivindicações feitas pelo Movimento Negro da cidade de Juiz de Fora continuavam invisibilizados, e, ao contrário das ações em prol do CCBM, a questão étnica é apresentada como algo irrelevante e até ruim para sociedade. A forma bem distinta como a luta destes movimentos são tratadas pela sociedade, segundo as fontes, explicam que, ao contrário do imaginário, a opressão ainda estava ali, até mesmo depois do fim da ditadura.

Também é importante falar mais uma vez da relevância da comunicação para a sociedade; através dela, os manifestantes e agentes culturais ganharam voz, mesmo que indiretamente. Por outro lado, a falta de representação pode ter dificultado muito mais a organização e a luta do povo preto na cidade. Nesse momento, os únicos meios que contribuíram para criar a identidade do movimento foram a cultura, a religião, a música e o teatro. Uma vez que não tinham o direito de ir para as ruas protestar, foi através das rodas de samba, dos bailes de jazz e blues, e mais tarde, das batalhas de hip hop, dos bailes funks ou até mesmo nos espaços dos terreiros de candomblé e umbanda, é que a luta das pessoas pretas pelo respeito, igualdade e reconhecimento começou.

7. REFERÊNCIAS



FONTANA, Yuri. **“Mascarenhas, meu amor”**: a manifestação que venceu o esquecimento. Blog Rastros. Juiz de Fora. c2020. Disponível em: <https://rastrosjornalismo.wixsite.com/rastros/mascarenhas-meu-amor> Acesso em: 02 Fev. 2021.

BLOG JF HIPERMÍDIA. **Mascarenhas Meu Amor: Uma trama de fios**. Disponível em: <https://jfhipermedia.wordpress.com/cultura/mascarenhas-meu-amor-uma-trama-de-fios/> Acesso em: 02 Fev. 2021.

SANGLARD, Jorge. **JF 165 anos - A essência da cidade em transformação**. Site Câmara Municipal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. c2011. Disponível em: <http://www.camarajf.mg.gov.br/noticias.php?cod=7735> Acesso em: 02 Fev. 2021.

BLOG PIONEIROS E EMPREENDEDORES. **Bernardo Mascarenhas**. Disponível em: <https://pioneiros.fea.usp.br/bernardo-mascarenhas/> Acesso em: 02 Fev. 2021.

PORTAL PJF. **Patrimônio cultural, bens tombados**. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/patrimonio/bens_tombados/bernardo_mascarenhas.php Acesso em 02 Fev. 2021.

Wikipédia. **Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_T%C3%A0xtil_Bernardo_Mascarenhas Acesso em: 02 Fev. 2021.

BERNARDES, Guilherme. Entrevista concedida a Samuel Fontainha do Nascimento em 11 Abr. 2020.

ARBACH, Jorge. Entrevista concedida a Samuel Fontainha do Nascimento em 07 Abr. 2020

BRANDÃO, Ramón. Entrevista concedida a Samuel Fontainha do Nascimento em 18 Mar. 2020

BISPO, Adenilde. Entrevista concedida a Samuel Fontainha do Nascimento em 07 Out. 2020

MAGELLA, Paulo. Entrevista concedida a Samuel Fontainha do Nascimento em 08 Out. 2020